

1976

RODRIGO DÁ
ALEGRIAS
NO LUTO(O DESENCONTRO DE
DUAS GERAÇÕES)

MARIA FERNANDA SEIXAS

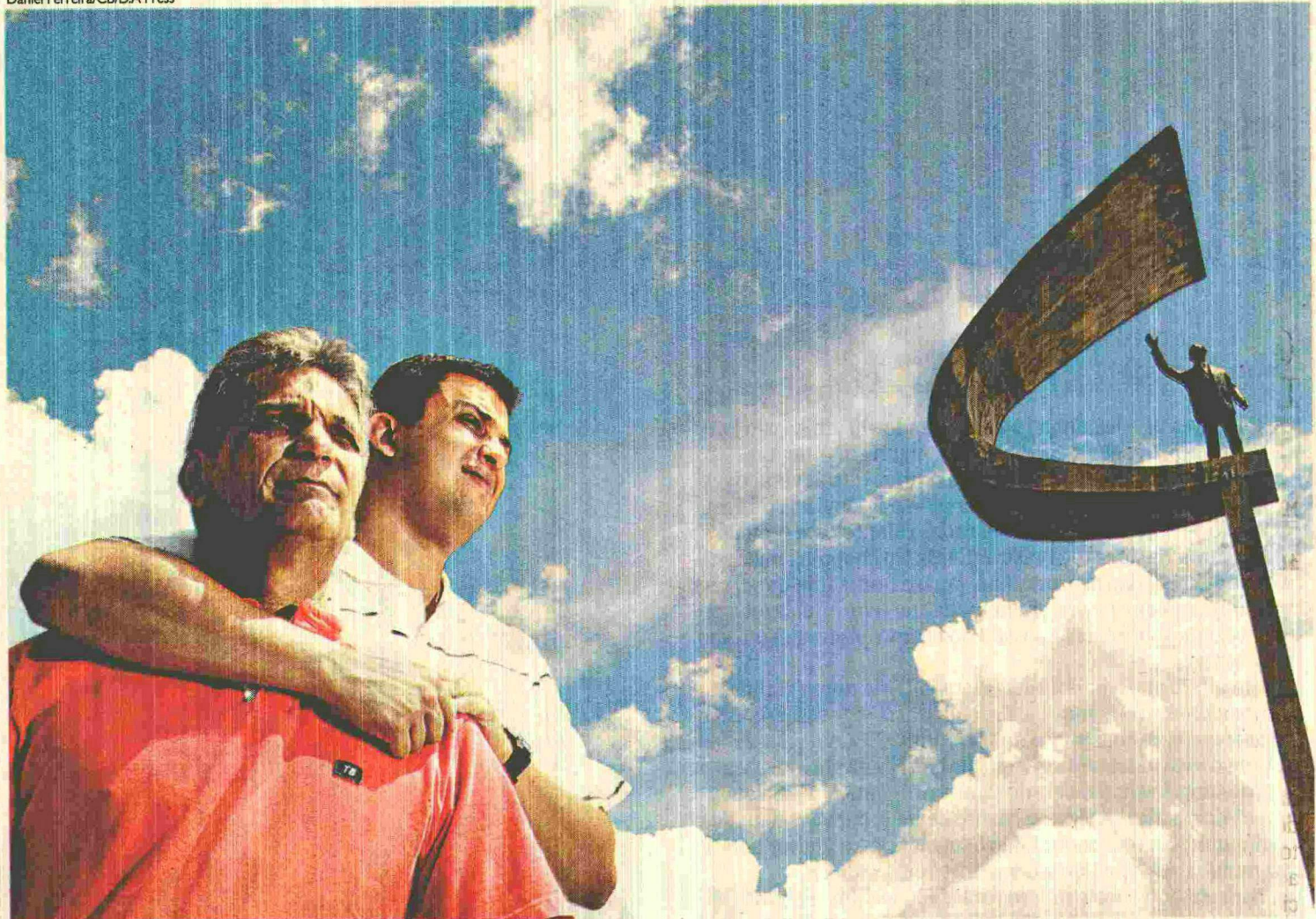
Quando Edimilson Fontenele, então com 27 anos, ligou o rádio para ouvir o noticiário, na noite de 22 de agosto de 1976, não acreditou no que escutara: um acidente na Rodovia Presidente Dutra, que liga os estados de São Paulo e Rio de Janeiro, vitimara o ex-presidente Juscelino Kubitschek. Edimilson ficou atônito. Achou que se tratava de uma manobra do regime militar que dominava o país. Sua mulher, na época grávida de sete meses do primeiro filho do casal, assim como os parentes, vizinhos e amigos, tiveram a mesma sensação de incredulidade. “Ninguém queria acreditar. Não conseguíamos nem comentar uns com os outros sobre o fato. A cidade ficou silenciosa e triste naquela noite”, relata.

Na manhã do dia seguinte, a imprensa anunciava, em letras garrafais, a morte do presidente que representou anos de crescimento para o país. O impacto desse desaparecimento foi tão grande que dobrou até a rigidez da ditadura: a morte de JK foi o primeiro luto decretado em honra a um adversário do regime militar.

O cortejo fúnebre começou na manhã do dia seguinte ao acidente, no Edifício Manchete, no Rio de Janeiro. Naquela tarde, o corpo do ex-presidente foi trazido a Brasília e a comoção popular tomou proporções jamais vistas, até então, na capital. Mais de 30 mil pessoas se amontoaram do lado de fora da Catedral, durante a missa de corpo presente. “Era gente demais. Muitos achando que a morte dele havia sido encomendada. Havia muita revolta”, descreve Edimilson, que acompanhou o funeral.

Após o ato religioso, o cortejo seguiu pela W3 Sul até o cemitério

Daniel Ferreira/CB/DA Press



RODRIGO, ABRAÇADO AO PAI, EDMILSON, TRANSFORMOU A TRISTEZA EM FELICIDADE NO DIA EM QUE JK ERA ENTERRADO EM BRASÍLIA

E MAIS...

Em 6 de fevereiro de 1976, o então presidente Ernesto Geisel e o governador do Distrito Federal, Elmo Serejo, inauguraram o viaduto de ligação norte-sul, no Plano Piloto. Ambos anunciaram também nesse ano a construção do Guará II. Em junho, o Cine Brasília foi reaberto, e o governo anunciou a reformulação do projeto do Espaço Cultural e criação do Centro de Convenções de Brasília. Em outubro Geisel inaugurou o Clube do Servidor Público, na L4 Norte. Em agosto, ocorreu um atentado contra a Associação Brasileira de Imprensa (ABI), no centro do Rio de Janeiro, onde uma bomba explodiu. Já na sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), também no Rio, foi encontrada uma bomba com o pavio apagado. As duas ações terroristas foram assumidas pela Aliança Anticomunista Brasileira. No mesmo ano, o general Jorge Rafael Videla comandou o golpe militar que derrubou a presidente argentina, Isabel Perón. O Saara Ocidental e as ilhas Seychelles conquistaram a independência, e a primeira-ministra indiana Indira Gandhi recebeu plenos poderes políticos. Em 1976 morreram o pintor brasileiro Di Cavalcanti, o ex-presidente João Goulart, o humorista Manoel da Nobrega, o líder revolucionário chinês Mao Tsé-Tung e a estilista Zuzu Angel.

Campo da Esperança. Em coro, o povo gritava o nome do fundador de Brasília: “JK, JK, JK”, e “O povo leva! O povo leva!”. A canção *Peixe Vivo* — a preferida de JK — também foi lembrada pela multidão no momento do sepultamento, às 23h35.

No meio do tumulto, Edimilson foi surpreendido por outra notícia inesperada, que transformaria o dia de luto em um dos mais felizes da sua vida: a mulher Rosângela Simões entrara em trabalho de

parto dois meses antes do esperado. Ele abandonou o cortejo e foi acompanhar o nascimento do filho Rodrigo Borges no Hospital de Base. “Foi a compensação. Num momento tão triste para a história da cidade, um fato tão bonito aconteceu na minha vida”, lembra.

Rodrigo, hoje com 32 anos, casado e formado em análise de sistemas, afirma que crescer na capital é um privilégio. Para ele, os brasilienses nascidos na década de 1970 viveram “a melhor infância” de todas. “A cidade tinha aquela cultura de que os jovens das quadras tornavam-se amigos. Bastava morar na mesma quadra ou no mesmo bloco para andar junto. Era uma galera imensa e unida, até hoje”, relata. Em 1989, o jovem chegou a se mudar para Fortaleza com a mãe, mas voltou para Brasília por não conseguir ficar longe dos amigos. “Lembro que, lá no Ceará, os jovens eram muito diferentes. Aqui, a gente cresce envolvido num contexto dinâmico e moderno, cheio de cultura e informação. Não consegui me adaptar em outro lugar”, avalia.

O pai, Edimilson, hoje com 60 anos, orgulha-se do amor do filho pela capital. “Quase não vim morar aqui. Quando minha família estava de mudança, do Rio, meu pai morreu em um avião que vinha para cá e caiu na Baía de Guanabara, em 23 de junho de 1960. Pensamos em desistir, mas a vontade de continuar o sonho do meu pai foi maior”, relata. “Sou grato por isso. Não teria tido as mesmas oportunidades de vida em outra cidade”, finaliza Rodrigo.